

A PANDEMIA NAS MÍDIAS BRASILEIRA E ITALIANA: REFERENCIAÇÃO E POSICIONAMENTO ARGUMENTATIVO

Heloisa da Costa Miranda

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Leonor Werneck dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Este capítulo tem o objetivo de ampliar a discussão teórica sobre referenciação, no que se refere ao papel das pistas textuais. Nessa perspectiva, nossa análise concentra-se na comparação de duas notícias, em mídias brasileira e italiana, sobre a marca de 500 mil mortos por Covid-19 no Brasil. Nosso intuito é verificar o posicionamento e o enfoque das diferentes mídias, demonstrando de que maneira objetos de discurso, expressões referenciais e pistas textuais se solidarizam para revelar perspectivas argumentativas diferentes sobre o mesmo fato noticiado. Para esse fim, utilizamos uma abordagem sociocognitiva e interacional da linguagem que considera o texto como um evento comunicativo e a referenciação um fenômeno textual-discursivo importante para produção de sentidos no

texto (MONDADA; DUBOIS, 2003; KOCH, 2001, 2014[2008]; MARCUSCHI, 2008; SEARA; SANTOS, 2019). Desse modo, procuramos evidenciar o papel das estratégias referenciais e pistas textuais que orientam o sentido argumentativo das notícias, a partir de uma visão mais complexa das relações textuais.

INTRODUÇÃO

O cenário pandêmico em que vivemos deixou o mundo inteiro em estado de alerta sobre as principais medidas de prevenção contra o coronavírus SARS-CoV-2 e sobre a busca de meios eficazes para combater o avanço da Covid-19. Mais de 18 meses após o início da pandemia, mesmo com a descoberta de vacinas e todos os protocolos de saúde recomendados pelos principais órgãos científicos, ainda é preocupante a situação de alguns países. Entre eles, o Brasil, que apresenta um número elevado de óbitos, chegando a superar a marca de 500 mil mortos em junho de 2021, assim como um número ainda muito baixo de pessoas vacinadas com a segunda dose. Por outro lado, em uma perspectiva mais promissora, a China supera 1 bilhão de doses de vacina contra a Covid-19. Além desses fatos, no Brasil, a discussão sobre a eficácia ou não de medicamentos como a cloroquina e a hidroxicloroquina, apontada como principal meio de prevenir a doença, entretanto sem o aval da ciência, parece estar longe do fim.

Tais desdobramentos da pandemia de Covid-19 têm recebido destaque em diversos canais de comunicação, no Brasil e em outros países, porém é flagrante a variedade de posicionamento argumentativo e de enfoque, quando comparamos mídias diferentes, abordando o mesmo fato noticioso. Nesse contexto, buscamos analisar, neste capítulo,¹ duas notícias abordando a marca de 500 mil mortos por Covid-19 no Brasil: uma publicada no Brasil, no jornal *O Globo* online,² em 20 de junho de 2021, e outra na Itália, no jornal *La Repubblica* online,³ em 21 de junho do mesmo ano. Nosso objetivo não é tecer generalizações acerca das estratégias utilizadas ou acerca das escolhas efetuadas pelas mídias selecionadas, mas traçar um panorama de análise qualitativa para exemplificar de que maneira

¹ Agradecemos às colegas Profa. Dra. Margareth Andrade Morais (IFRJ/Brasil) e Profa. Júlia Lourenço de Jesus (Mestrado em Letras Vernáculas/UFRJ/Brasil), pela leitura crítica e pelas valiosas sugestões.

² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/cpi-da-covid-comeca-delinear-equivocos-do-governo-bolsonaro-que-levaram-marca-de-500-mil-mortos-2-25068876> Acesso em: 25 jun. 2021.

³ Disponível em: https://www.repubblica.it/esteri/2021/06/20/news/coronavirus_nel_mondo_il_brasile_supera_mezzo_milione_di_vittime-306818077/?ref=search Acesso em: 25 jun. 2021.

a referência, nessas duas mídias, ajuda a revelar perspectivas argumentativas diferentes em relação ao fato noticiado, principalmente explicitando ou não a culpabilização do presidente brasileiro na condução da pandemia no país.

Para essa análise, selecionamos um objeto de discurso (OD) do jornal brasileiro – “equivocos do governo Bolsonaro” – e dois OD do jornal italiano – “China” e “Brasil”. Pretendemos verificar, a partir de uma concepção sociocognitiva e interacional da linguagem, como esses OD são (re)construídos ao longo dos textos, bem como sua contribuição para a orientação argumentativa do sentido (MONDADA; DUBOIS, 2003; KOCH, 2001). Também buscamos observar o papel das pistas textuais como importante estratégia de recategorização dos OD e a relação entre processos referenciais que se inter cruzam, formando novas cadeias referenciais. Com isso, pretendemos mostrar uma relação mais complexa do papel dos processos referenciais, que podem unir-se ou mesmo sobrepor-se argumentativamente ao longo do texto.

Assim, apesar de manuais de redação jornalística defenderem que a configuração formal do gênero textual notícia deve primar pela objetividade e exatidão, concordamos com Santos (2015, p. 6) que “a imparcialidade na linguagem é um mito, uma ilusão”. Desse modo, reiteramos a concepção de linguagem como forma de ação, que considera a relação interativa dos interlocutores em um evento comunicativo (JUBRAN, 2003).

TEXTO, LEITURA E GÊNERO TEXTUAL

Ao longo de sua trajetória, a Linguística de Texto (LT) vem priorizando uma perspectiva mais ampla do processo de produção textual e considerando a interação comunicativa entre sujeitos sociais para determinados fins (KOCH, 2011). Desse modo, conforme Marcuschi (2008, p. 72), “falamos de texto como um evento que atualiza sentidos e não como uma entidade que porta sentidos na independência de seus leitores”. Isso significa que o texto representa o lugar para o qual converge uma série de atividades cognitivo-discursivas (KOCH, 2003; MARCUSCHI, 2008), ou seja, o conhecimento de mundo dos sujeitos envolvidos no processo, suas práticas comunicativas, sua cultura, sua história, que serão responsáveis pela produção de sentidos. Assim, quando lemos ou produzimos um texto, acionamos conhecimentos prévios que nos ajudam na construção de sentido e que podem ser de natureza linguística, enciclopédica e interacional.

Nessa perspectiva, Koch e Elias (2008, p. 21), afirmam que “a leitura e a produção de sentidos são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva:

conhecimento da língua e das coisas do mundo”. Para a compreensão do texto, é essencial a interação autor-texto-leitor, uma vez que o papel do leitor passa a ter um grande destaque como sujeito ativo nesse processo de construção dialógica dos sentidos – o que implica dizer que, ao lermos um texto, “sempre retomamos, de certa forma, na nossa memória, o que já lemos e conhecemos, para fazer inferências e compreender o que está na nossa frente” (SANTOS; CUBA RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 42). Portanto, falamos em compartilhar conhecimentos quando falamos de leitura e de construção de sentido.

Conforme Bezerra (2017), considerando a importância da situação comunicativa, o conceito de gênero textual representa um princípio caro aos estudos de LT, principalmente, quando o texto passou a ser visto como elemento de interação. Na perspectiva de Bakhtin (2011[1979], p. 261), um gênero pode ser caracterizado pelo seu conteúdo, estilo e composição, elementos “indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. Por isso, para Marcuschi (2008), a atividade verbal só é possível por meio de um gênero textual.

Todos os gêneros são marcados pela esfera de atuação, ou seja, circulam em ambientes recorrentes e próprios, denominados domínios discursivos que lhes conferem legitimidade discursiva. Conforme explicita Marcuschi (2008, p. 194), entendemos domínio discursivo como “uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica etc.) na qual ocorrem práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão”. Além disso, segundo Marcuschi (2008), em virtude dos nossos propósitos comunicativos, o gênero surge para atender a uma determinada função, que o determinará. Portanto, os gêneros não são formas rígidas e estanques, mas fluidos, em função do seu dinamismo sociodiscursivo.

Além do exposto, como estamos tratando do gênero textual notícia, neste capítulo, é importante salientar que não devemos confundir gênero com domínio discursivo. De acordo com Bezerra (2017), em algumas escritas científicas, é usado o termo “gênero jornalístico”, confundindo leitores não especializados. Sendo assim, o autor esclarece que “o jornalismo não deve ser tratado como gênero e sim como uma esfera de atividade profissional, enquanto instância discursiva, ‘dá origem’ a uma variedade de gêneros requeridos e validados socialmente” (BEZERRA, 2017, p. 4, grifo do autor).

Na visão de Charaudeau (2007, p. 132, grifos do autor), a notícia é

[...] um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático (o acontecimento, de algum modo, é um fato que se inscreve num certo domínio do

espaço público), tendo um caráter de novidade (trazendo um novo elemento que até então se supunha desconhecido do público), proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado.

Assim, de modo geral, a notícia é caracterizada pelo seu papel informativo sobre fatos recentes que sejam de relevância social, apresenta uma estrutura facilmente reconhecida (manchete, *lead*, episódio e comentário) e uma linguagem que pretende passar a imagem de ser objetiva e imparcial. Nesse sentido, Lage (2004) pondera que existem certas “restrições pragmáticas” associadas à estrutura da notícia, como a linguagem utilizada, a disposição sintática, os temas abordados, a postura do redator etc. Contudo, Bastos (2018, p. 67) assevera que “as notícias, para além da informação, têm um propósito que, consciente ou inconsciente, transmite valores e é investido por uma ideologia”. Nessa mesma linha de raciocínio, Koch (2012[2005], p. 45, grifos da autora) recupera reflexões de Van Dijk, para reiterar que o discurso jornalístico tem mostrado diferenças ideológicas na seleção de termos [...], conforme a pessoa ou o grupo a quem se atribui uma fala ou cuja fala se transcreve. Enquanto membros de uma elite (política, cultural, econômica ou outra qualquer) *asseveram, expõem, refletem, argumentam, refletem, ponderam, constataam, determinam, evidenciam*, e assim por diante, os membros de minorias apenas *falam, dizem, depõem, negam, mentem*. Dessa forma, quando se qualifica a fala dos primeiros, atribuem-se-lhes *asserções, constatações, exposições, reflexões, explicações, ponderações, confirmações, comentários*; ao passo que os enunciados dos segundos são qualificados simplesmente como *afirmações, negativas, falas, respostas* ou, no máximo, *declarações, confissões* ou *recusas*.

Dessa forma, é evidente a importância do gênero e o seu papel para comunicação verbal em uma perspectiva sociointeracional da linguagem. O discurso jornalístico funciona como instrumento de persuasão do leitor, mesmo nas notícias – comumente chamadas de objetivas –, deixando entrever pontos de vista, crenças e ideologias.

REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Partindo das concepções adotadas pela Linguística de Texto (LT) de que o texto não representa uma simples junção de frases ou apenas uma troca de informações, mas um sistema complexo de elaboração de sentidos, situamos a referenciação como um fenômeno textual-discursivo importante para produção/construção de sentidos no texto. Assim, de acordo com Koch (2014[2008], p. 48), a referenciação constitui

uma atividade discursiva. O sujeito, na interação, opera o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer (Koch, 1999, 2002). Isto é, os processos de referenciação são as escolhas do sujeito em função de um querer dizer [...] a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.

De modo mais específico, a referenciação atua na construção e reconstrução dos objetos do discurso (OD) ou referentes, ou seja, elementos que representam na mente dos interlocutores uma entidade estabelecida, construída discursivamente (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Nesse sentido, as expressões referenciais são estruturas linguísticas responsáveis pela remissão aos OD, que não se confundem com os objetos do mundo (KOCH, 2001), pois estão em constante transformação pelos sujeitos envolvidos na interação em função de um projeto de dizer. Conforme atestam Koch e Elias (2008, p. 125),

trata-se de uma construção e reconstrução de referentes bastante complexa. Nessa construção intervêm não somente o saber construído linguisticamente pelo próprio texto e os conteúdos inferenciais que podem ser calculados a partir dos elementos nele presentes (graças aos conhecimentos lexicais, enciclopédicos e culturais e aos lugares-comuns de uma dada sociedade), como também os saberes, opiniões e juízos mobilizados no momento da interação autor – texto – leitor.

Percebemos, então, que a referenciação é um processo sociocognitivo bastante complexo, devido à ideia de realidade instável (CAVALCANTE, 2012), ou seja, a reelaboração da realidade, no campo da LT, significa que “o papel da linguagem não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir, por meio da linguagem, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados” (CAVALCANTE, 2012, p. 105). Nesse processo, os OD, no decorrer do texto, podem ser construídos, reconstruídos, ativados, desativados e recategorizados, por meio de estratégias linguístico-textuais que nunca são aleatórias, pois, de acordo com Santos (2015, p. 6), “não há signo neutro, não há linguagem totalmente objetiva, isenta de posicionamento”.

Dessa forma, temos como pressuposto que a língua é concebida em uma perspectiva dialógica para a qual convergem fatores culturais, históricos, sociais e cognitivos. Por isso, a LT passou a utilizar o termo referenciação, por entender o caráter dinâmico de (re)construção de sentido no texto, “que leva em conta não somente o sujeito ‘encarnado’, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Nesse sentido, corroborando o caráter dinâmico de construção e reconstrução de sentido no texto, Mondada e Dubois (2003), Koch e Elias (2008), Cavalcante (2012), Santos (2015), dentre outros autores, defendem que o ato de se referir não representa um mero apontamento, uma simples relação de equivalência entre os termos no texto ou ainda uma ligação direta entre as palavras e as coisas. Segundo os autores, o processo é muito mais complexo e dinâmico, pois envolve uma intensa negociação entre os atores sociais, envolvidos na interação – o que implica dizer que os OD são (re)construídos no interior do texto para atender a uma demanda interacional dos sujeitos, de acordo com o projeto de dizer.

Partindo dessas concepções, defendemos que o processo de referenciação desempenha importantes funções discursivas efetivadas pelas expressões referenciais (CAVALCANTE, 2012), sejam casos de anáforas ou dêixis, associadas às pistas textuais para construir cadeias referenciais. Com base em Santos e Cavalcante (2014, p. 225), podemos apontar as anáforas como responsáveis pelas “diversas estratégias de continuidade referencial, [...] sempre ancorad[a]s em alguma pista textual do cotexto”, e a dêixis representa “as remissões a dados contextuais quando pressupõem uma *origo*”. Desse modo, a retomada de um referente pode ocorrer por meio de anáforas diretas (AD), anáforas indiretas (AI) e anáforas encapsuladoras (AE). As AD, caracterizadas pela correferencialidade entre os termos, retomam um referente no texto. As AI, por sua vez, não retomam um termo específico, por isso são não correferenciais, mas associam-se a uma âncora do contexto discursivo. Porém, é oportuno enfatizar que, conforme Moraes (2017), embora as AD retomem um termo específico no cotexto, não significa que exijam menos inferência ou apelo ao conhecimento partilhado pelos sujeitos na interação. Ou seja, não se trata de uma simples relação de equivalência, mas, a exemplo das AI, a construção dessa referência direta também pode ocorrer por meio de uma complexa rede de inferências. Com relação ainda às AD e AI, Seara e Santos (2019, p. 4) advertem que, “tradicionalmente, a diferença entre ambas consiste na presença/ausência dos correferentes no cotexto [...] importa, porém, destacar a importância das pistas textuais que colaboram para a construção do referente”.

As AE, por sua vez, desempenham papel crucial na dinâmica discursiva, pois “não só rotulam uma parte do cotexto que as precede [...], mas, ao fazê-lo, criam um novo referente textual que, por sua vez, passará a constituir um tema específico” (KOCH 2012[2005], p. 38). Outro aspecto relevante das AE está relacionado à sua propriedade de revelar informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes dos produtores do texto, assim como o engajamento do leitor,

para conquistar sua adesão. De acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 80), as anáforas encapsuladoras

exercem funções argumentativas decisivas para o projeto de dizer de cada enunciador, no momento em que buscam o melhor modo de designar, de sintetizar parafraseando um ponto de vista (e, conseqüentemente, rebatendo outros, ditos ou não).

Para Conte (2015[2003], p. 177), “quando o núcleo do sintagma nominal anafórico é axiológico”, o papel argumentativo fica mais evidente. Porém, segundo Seara e Santos (2019), mesmo AE não muito marcadas axiologicamente podem carregar um viés argumentativo, uma vez que as pistas textuais colaboram para a construção da cadeia referencial. Consideramos pistas textuais, conforme Colamarco (2014, p. 64), “toda a materialidade verbal do texto que contribui para a construção cognitiva dos diferentes objetos de discurso sem corresponder, porém, a expressões referenciais”.

Assim, neste capítulo, além de priorizar a análise de processos referenciais anafóricos em notícias brasileiras e italianas, também destacamos o papel das pistas textuais que promovem uma “costura” ao longo do texto, delineando sua construção argumentativa. Afinal, é importante não apenas analisar as estratégias referenciais, mas o fenômeno como um todo, atrelado ao reconhecimento das cadeias referenciais, destacando uma série de aspectos textuais e discursivos implicados na construção de sentido do texto.

ANÁLISE: 500 MIL MORTOS POR COVID NO BRASIL

Nossa análise concentra-se em duas notícias sobre o mesmo tema – a marca de 500 mil mortos por Covid no Brasil –, publicadas em países diferentes (Brasil e Itália), para verificar como os objetos de discurso (OD) progridem, ao longo da notícia, e como se solidarizam com outros elementos linguísticos, orientando o sentido e a direção argumentativa dos textos. No jornal online *O Globo*, destacamos o OD “equivocos do governo Bolsonaro” e, no *La Repubblica*, os OD “a China” e “o Brasil”. Para visualização das estratégias referenciais analisadas nos exemplos citados, colocamos os OD em negrito, e as pistas textuais estão sublinhadas. Os exemplos em italiano foram traduzidos por nós.

Iniciamos com o exemplo (1), retirado do jornal brasileiro, no qual destacamos o OD “equivocos do governo Bolsonaro”, que aparece na manchete da notícia. Caracterizado como uma anáfora encapsuladora (AE), esse sintagma torna o referente saliente na memória discursiva do interlocutor:

(1) CPI da Covid começa a delinear **equívocos do governo Bolsonaro** que levaram à marca de 500 mil mortos

Em quase dois meses de trabalho, foram coletados mais de mil documentos, 21 depoimentos e aprovação de 29 quebras de sigilos bancários e telefônicos

BRASÍLIA - Ao longo de quase dois meses de trabalho, a CPI da Covid coletou mais de mil documentos, colheu 21 depoimentos e aprovou 29 quebras de sigilos bancários e telefônicos. A partir da análise desse material, a investigação começa a delinear três caminhos que levaram o Brasil a registrar a marca de 500 mil mortos pela pandemia: a aposta em medicamentos sem eficácia, a lentidão na compra de vacinas e a crença na tese da “imunização de rebanho”.

Além disso, a cadeia referencial do OD “equívocos do governo Bolsonaro” está relacionada a diversas informações ao longo da notícia, inclusive outros OD: “levaram à marca de 500 mil mortos” demonstra como um número elevado de mortes é consequência desse “equívoco”; as informações a respeito da CPI e dos documentos analisados durante quase dois meses – presentes no subtítulo e no *lead* da notícia –, reiteram o trabalho de apuração dos fatos e enfatizam as provas dos equívocos; as anáforas indiretas (AI) “a aposta em medicamentos sem eficácia”, “a lentidão na compra de vacinas” e “a crença na tese da ‘imunização de rebanho’ iniciam novas cadeias referenciais, mas estão associados à AE da manchete, representando os “três caminhos” – cuidadosamente enumerados e retomados ao longo da notícia – do alto número de mortes.

As pistas textuais, que incluem outros OD, se solidarizam para “tecer” o sentido do texto e orientá-lo discursivamente. Por exemplo, a AI “a aposta em medicamentos sem eficácia” apresenta um novo referente “medicamentos”, que atua como modificador do núcleo do sintagma “aposta”. Como a AI “a aposta em medicamentos sem eficácia” está associada à AE “equívocos do governo Bolsonaro”, é importante observar como o novo OD “medicamentos” é recategorizado, ao longo da notícia, por meio de anáforas diretas (AD): “medicamentos” > “medicamentos” > “cloroquina” > “cloroquina” > “cloroquina e hidroxicloroquina” > Ø > “a cloroquina” > “o remédio” > “a cloroquina” > Ø > “cloroquina” > “hidroxicloroquina” > Ø > “o medicamento” > “cloroquina” > “cloroquina”. Ressaltamos que a repetição exaustiva no nome da substância “(hidroxi)cloroquina” não acontece por acaso, pois colabora para a reiteração do OD “medicamentos”, cuja utilização é avaliada negativamente no decorrer da notícia.

Dessa forma, o OD “equívocos do governo Bolsonaro” é recategorizado, ao longo do texto, por meio de diversas informações, dispersas pelas pistas textuais. Essas pistas incluem núcleos e determinantes de sintagmas nominais que funcionam como outras anáforas – ligadas a outros OD –, além de outros recursos, como verbos, por exemplo, que colaboram decisivamente para construção de sentido:

“a aposta”, “sem eficácia”, “sem comprovação científica”, “o abastecimento”, “insumos para fabricação”, “indicada para malária”, “o governo distribuiu mais de 6 milhões de comprimidos”, “ineficaz contra a Covid”, “a inadequação”, “não tinha efeitos significativos e poderia até ser prejudicial”, “apostava”, entre outros. A notícia focaliza o interesse do governo pela cloroquina, como um dos aspectos mais negativos no combate contra a Covid-19, associando a ineficácia desse medicamento à imagem negativa que se cria do governo Bolsonaro (principal defensor do uso da substância), contribuindo com o projeto de dizer e para a construção argumentativa do texto. Assim, a cadeia referencial da AE “equivocos do governo Bolsonaro” é formada por várias informações, incluindo AI e AD, promovendo a progressão textual e colaborando para argumentatividade da notícia.

Por outro lado, na notícia publicada no jornal italiano⁴ *La Repubblica*, o enfoque é diferente:

(2) Coronavirus nel mondo, la Cina supera il mezzo miliardo di dosi, mentre il Brasile piange oltre mezzo milione di vittime

Coronavírus no mundo, a China ultrapassa meio bilhão de doses, enquanto o Brasil chora mais de meio milhão de vítimas

Nessa notícia, selecionamos dois objetos de discurso (OD) “a China” e “o Brasil”, presentes na manchete, que são apresentados por meio de um jogo de oposições China *versus* Brasil. A partir dessa primeira menção, esses OD progridem no texto, por meio de estratégias textual-discursivas diversas, que incluem não somente AD, mas também pistas textuais variadas. Além do contraste entre os dois países, chama a atenção a estrutura da notícia, que sintetiza a situação da pandemia em mais três países (Rússia, Bélgica e Índia), apresenta *tags* referentes a temas genéricos (situação no mundo, *timeline*, vacinação), porém apresenta manchete e enfoque na construção de uma oposição entre Brasil e China que, na verdade, se amplia aos demais locais. Ou seja, após a leitura da notícia, é flagrante a diferença entre o que acontece no Brasil e nos outros países citados em relação à pandemia e à vacinação – com a China simbolizando essa diferença. Assim, na manchete já se desenha o antagonismo que será delineado no texto: enquanto a China “ultrapassa meio bilhão de doses”, o Brasil “chora mais de meio milhão de vítimas”.

Analisemos o exemplo (3):

⁴ Todas as traduções foram feitas pelas autoras deste capítulo.

(3) A China ultrapassa um bilhão de doses

A China administrou mais de um bilhão de doses da vacina Covid, quase metade dos 2,5 bilhões inoculados até agora em todo o mundo. Uma meta que se contrapõe à outra, negativa: mais de meio milhão de mortes no Brasil, onde a pandemia ainda está fora de controle e faz do grande país sul-americano o grande enfermo em um mundo onde o número total de mortes ultrapassou 3,8 milhões.

A China, com seus 1,4 bilhão de habitantes, o primeiro país a adoecer e, oficialmente, o primeiro a se curar, com dados epidemiológicos – segundo fontes oficiais chinesas – risíveis se comparados ao resto do mundo (nas últimas 24 horas apenas 23 casos, todos importados do exterior), agora tem a meta de vacinar 40% da sua população com duas doses até o final de junho. Para conseguir isso, as autoridades empregaram todos os meios para convencer as camadas mais relutantes, céticas ou mesmo mal informadas da população, e não apenas nas zonas rurais. E assim, na província central de Anhui, aos vacinados são oferecidos ovos, em Pequim, vale-compras para supermercado.

No exemplo (3), é importante destacar que o OD “a China” é retomado como AD, pelo mesmo sintagma nominal repetido “a China” e pelos sintagmas “o primeiro país a adoecer”, “o primeiro a se curar”, além de ser recuperado também por meio das AI que representam “as autoridades”, as suas regiões (“zonas rurais”, “Anhui”, “Pequim”) e a sua população (incluindo os termos “mais de um bilhão de doses da vacina Covid” e “aos vacinados”). Essas recategorizações colaboram para criar a imagem de um país gigantesco que, a despeito do caos enfrentado no início da pandemia, conseguiu superar a situação e vacinar boa parte dos cidadãos. Essa imagem positiva da China é reiterada pelas pistas textuais representadas pelo verbo “ultrapassar” (repetido da manchete). Além disso, nos trechos seguintes, são associadas à China várias pistas textuais que enaltecem a capacidade do país de controlar a propagação do vírus por meio da vacina, como “administrou mais de um bilhão de doses da vacina Covid”.

Seguindo a perspectiva de destacar os pontos positivos do país, a notícia continua recategorizando o OD “a China”, por meio das pistas textuais, e, mesmo sem mencionar o Brasil, nesse trecho, por um processo de inferências, destaca seus aspectos negativos no trato da pandemia. Desse modo, em relação à China, ressaltamos as pistas textuais: “o primeiro país a adoecer”, “o primeiro a se curar”, “nas últimas 24 horas apenas 23 casos”, “tem a meta de vacinar com duas doses 40% da sua população até o final de junho”. Ainda nesse trecho, observamos que o país procura incentivar a sua população a aderir à campanha de vacinação, inclusive, oferecendo recompensas aos vacinados, como no trecho: “E assim, na província central de Anhui, aos vacinados são oferecidos ovos, em Pequim, vale-compras para supermercado”.

No caso das referências ao Brasil, as marcas alcançadas referem-se ao elevado número de mortes em decorrência da pandemia, evidenciadas nas seguintes pistas textuais: “a pandemia ainda está descontrolada”, “faz do grande país sul-americano o grande enfermo em um mundo onde superou o total de 3,8 milhões de mortes”. Assim, a notícia deixa subentendida a falta de incentivo das autoridades brasileiras, sobretudo quando enfatiza que, no caso da China “as autoridades colocaram em prática todos os meios para convencer as camadas mais resistentes, céticas ou mesmo mal informadas da população”.

Os detalhes da notícia a respeito do que ocorre no Brasil são citados no exemplo (4):

(4) Mais de meio milhão de mortes por Covid no Brasil

Ao contrário da China, o Brasil se destaca, tornando-se ontem o segundo país do mundo depois dos Estados Unidos a ultrapassar a marca de 500 mil mortes por Covid-19, com um recente aumento das mortes diárias confirmando a iminência de uma terceira onda. A campanha de vacinação parou em cerca de 11% das pessoas inoculadas, apesar da tardia mudança de atitude do presidente, que tende a ser negacionista e contrário às medidas de lockdown, Jair Bolsonaro, até pouco tempo cético em relação às vacinas. Bolsonaro agora prometeu completar a imunização de toda a população até o final do ano. Mas, enquanto isso, meio milhão de mortos pesa uma tonelada e ontem milhares de pessoas saíram às ruas para protestar no Rio de Janeiro, Brasília e outras cidades, gritando slogans como “Fora Bolsonaro”, com muitos cartazes ostentando simplesmente a cifra “500.000”.

Já no exemplo (4), o OD “o Brasil” é retomado pela repetição e pela AD “o segundo país do mundo depois dos Estados Unidos a ultrapassar a marca de 500 mil mortes por Covid-19”, sendo que o antagonismo entre este país e a China é reforçado com a expressão “Ao contrário da China”. A cadeia referencial do OD “Brasil” ainda é alimentada por expressões como “um recente aumento das mortes diárias”, “a iminência de uma terceira onda”, “A campanha de vacinação parou em cerca de 11% das pessoas inoculadas”, “tardia mudança de atitude do presidente”, “meio milhão de mortos pesa uma tonelada”, “milhares de pessoas saíram às ruas para protestar”, “muitos cartazes ostentando simplesmente a cifra 500.000”. Todos esses elementos colaboram para a construção da cadeia referencial de “Brasil”, criando a imagem de um país que sofre com a pandemia e que reivindica mudanças políticas.

Além disso, a AI “o presidente” – um novo objeto de discurso que passa a ser o centro de novas predicções, está associada a outras pistas textuais, como “negacionista e contrário às medidas de lockdown”, “cético em relação às vacinas”, que, além de recategorizarem “o presidente”, reforçam o caráter negativo atribuído a ele e à maneira como o Brasil vem lidando com a pandemia. Como, a

seguir, ressalta-se que há uma onda de protestos pelas cidades do Brasil, pedindo a saída do presidente, a imagem negativa é reiterada. Merece destaque, também, o contraponto temporal “até pouco tempo” x “agora” associado ao comportamento do presidente brasileiro em relação à vacinação.

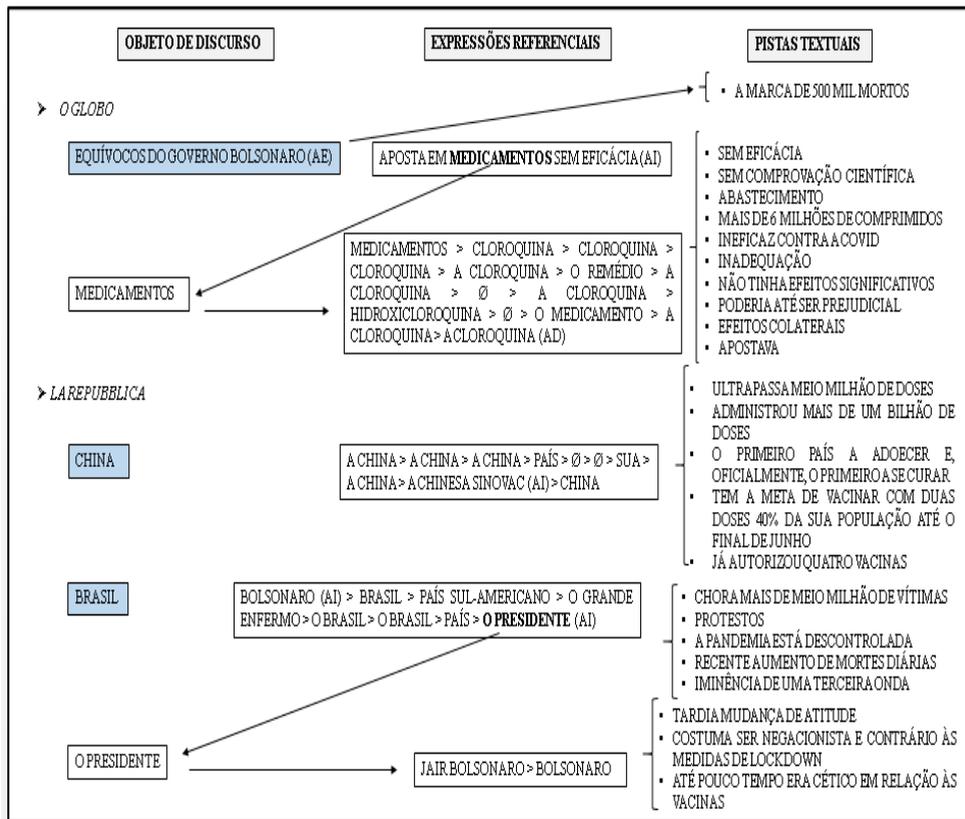
Assim, o jornal italiano enaltece o êxito da China, contrapondo ao “fracasso brasileiro no combate à pandemia”, apresentando informações acerca do que ocorre em ambos os países. Porém, chama a atenção como, ao recategorizar o OD “China”, constrói-se uma imagem negativa do Brasil, antecipando o que será relatado a seguir a respeito do país. Ou seja, o OD “Brasil” vai sendo (re)construído, não apenas pela sua cadeia referencial, mas também quando são ressaltados os pontos positivos da China.

DISCUSSÃO

A partir das análises realizadas, verificamos que cada jornal ressaltou um aspecto diferente sobre o mesmo prisma da marca de 500 mil mortos por Covid no Brasil. O jornal brasileiro salientou a aposta em medicamentos sem eficácia comprovada como um dos principais problemas enfrentados pelo Brasil na luta contra a Covid, listando este e outros dois “equivocos do governo Bolsonaro”. Já o jornal italiano destacou, por meio de um jogo de oposição China *versus* Brasil, aspectos positivos da China a respeito do combate à doença, atribuindo ao Brasil, de modo explícito ou implícito, o fracasso do controle da pandemia, especialmente enfatizando a vacinação.

Em nossa análise, procuramos destacar o papel das pistas textuais como importante estratégia de recategorização dos OD. Os estudos clássicos sobre referência não costumam considerar a importância desse recurso linguístico, uma vez que preferem analisar um objeto de discurso específico e sua cadeia referencial por meio apenas das anáforas. No entanto, procuramos demonstrar que, ao longo do texto, os OD se solidarizam, de modo a formar uma unidade significativa, por meio de uma “trilha” de pistas textuais que vai orientando argumentativamente o sentido do texto. Desse modo, não nos preocupamos apenas em verificar as estratégias referenciais utilizadas na cadeia referencial de um determinado objeto de discurso ou identificar a presença/ausência de correferencialidade das anáforas (SEARA; SANTOS, 2019). Ao contrário disso, ampliamos a análise, procurando observar as pistas textuais e as recategorizações por elas realizadas, para compor a cadeia referencial, conforme podemos observar na Figura 1:

Figura 1 – Cadeias referenciais nos jornais analisados.



Fonte: Autoral.

Sendo assim, no caso do jornal *O Globo*, se observássemos somente a cadeia referencial de “medicamentos sem eficácia”, construída por sucessivas AD, ao longo da notícia, estaríamos limitando o potencial argumentativo dessas expressões referenciais. Ou seja, apesar de as AD sofrerem transformações por meio de seus modificadores, como, por exemplo, “medicamentos sem eficácia”, “medicamentos sem comprovação científica”, as demais pistas textuais colaboram decisivamente para a recategorização cognitiva desse referente. Desse modo, verbos, predicções, entre outras informações, participam da (re)construção do referente “medicamentos”. Então, sinalizações do tipo “não tinha efeitos significativos e poderia até ser prejudicial” e “apostava” não só revelam a falta de credibilidade desse medicamento como também essa mesma característica é extensiva ao presidente brasileiro, por ser o principal defensor do remédio. A partir da perspectiva apontada, procuramos salientar a relação entre os OD, as estratégias referenciais

e as demais marcas linguístico-textuais que se unem para compor a arquitetura textual e a construção argumentativa de sentido.

De maneira semelhante, no jornal *La Repubblica*, as pistas textuais também participam desse jogo argumentativo e orientam o sentido do texto. É interessante perceber que, ao destacar os aspectos positivos da China (OD que aparece repetido diversas vezes na notícia), por meio de sinalizações textuais, como “nas últimas 24 horas apenas 23 casos” e “tem a meta de vacinar com duas doses 40% da sua população até o final de junho”, a notícia implicitamente refere-se ao Brasil, devido à polarização China x Brasil apontada já na manchete. Como os dados da pandemia têm sido amplamente divulgados, é possível que um leitor possa realizar uma comparação entre o número de casos diários na China e os do Brasil, ainda que esta informação não esteja explícita na notícia.

Além disso, enquanto *O Globo* finaliza a notícia apontando o silêncio do presidente Bolsonaro frente à marca de 500 mil mortos, o *La Repubblica* ressalta a voz de milhares de pessoas que saíram as ruas para protestar e pedir a saída do presidente. É interessante perceber ainda que, no final da matéria italiana, a partir da cadeia referencial do OD “Brasil” uma nova cadeia é inaugurada com o OD “o presidente”, uma AI de “Brasil” que, acompanhada de novas informações, recategoriza ambos os OD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o exposto, procuramos evidenciar que os processos referenciais não devem ser analisados independentemente das pistas textuais, como ocorre, geralmente, nos estudos da área. Anteriormente, acreditava-se que as principais transformações dos referentes ocorriam majoritariamente por meio de expressões referenciais. Atualmente, procura-se analisar o texto como um todo, considerando a análise da referenciação realmente como um processo sociocognitivo e interacional, que se associa a inúmeros elementos na configuração textual.

Assim, percebemos que são formadas, nas notícias analisadas, cadeias referenciais altamente complexas, que ultrapassam o papel de retomar, reiterar ou antecipar informações, mas colaboram também para o direcionamento argumentativo do texto, tanto por meio de expressões referenciais com carga axiológica mais explícita quanto por meio das diversas pistas textuais dispersas ao longo do texto.

A análise que efetuamos neste capítulo é apenas uma amostra da pluralidade de leituras possíveis nos textos que circulam no nosso cotidiano. E também uma amostra da complexa rede construída nesses textos, por meio da referenciação.

Trata-se, portanto, de um campo de pesquisa em expansão, com diversos vieses a serem desvendados – uma viagem para a qual convidamos os leitores.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011[1979].

BASTOS, Maria Cristina V. *Anáforas encapsuladoras e argumentatividade em notícias*. 142f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, 2018.

BEZERRA, Benedito G. *Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

CAVALCANTE, Mônica. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, Mônica; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.

COLARMACO, Manuela. *Referenciação e construção de sentido nas fábulas de Monteiro Lobato e Esopo*. 2014. 189f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CONTE, Maria-Elizabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete; CIULLA, Alena (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2015[2003]. p. 177-190.

JUBRAN, Célia. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 44, p. 93-104, 2003.

KOCH, Ingedore. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 41, p. 75-90, 2001.

KOCH, Ingedore. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore. *O Texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore. Referenciação e orientação argumentativa. *In:* KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012[2005]. p. 33-52.

KOCH, Ingedore. *As tramas do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014[2008].

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. *In:* CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete; CIULLA, Alena (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORAIS, Margareth. *Referenciação em campo: a construção de sentidos na notícia esportiva*. 2017. 181 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Leonor W. dos. *Revel na escola: referenciação*. *Revel*, v. 13, n. 25, p. 1-8, 2015.

SANTOS, Leonor W. dos; CAVALCANTE, M. Referenciação: continuum anáfora-dêixis. *Intersecções*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 224-246, maio, 2014.

SANTOS, Leonor W. dos; CUBA RICHE, R.; TEIXEIRA, C. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SEARA, Isabel; SANTOS, Leonor W. dos. Linguagem e poder na mídia brasileira e portuguesa. *Diacrítica*, Porto/Portugal, v. 33, n. 3, p. 122-137, 2019.

